

NELSON TEIXEIRA. Presidente da Fundação Lusíada e reitor do Centro Universitário Lusíada (Unilus).

Nas nossas mãos

No final de outubro de 2005, em artigo intitulado “Um Ente maior”, neste espaço, dizíamos que as ondas gigantes que varreram milhões de vidas em países asiáticos e outras alterações climáticas eram, no nosso entender, “um grande aviso”.

Um aviso de um ser superior, alguém que, de alguma forma, tenta passar uma mensagem de alerta ao mundo para uma reflexão global sobre os estragos que os homens estão causando ao seu ambiente e ao planeta.

Nós dizíamos no artigo: “Temos que aceitar esses alertas como sendo, talvez, a nossa última esperança de recompor a humanidade e de repensar os métodos que utilizam o vale-tudo para impor, pela força, situações que quase sempre não concordamos”.

De lá para cá inúmeros acontecimentos somaram-se à tragédia das ondas gigantes. Novamente a Ásia foi sacudida por terremotos de alta intensidade, como na China, com milhares de mortos e milhões de famílias desabrigadas. E como em Mianmar, onde ventos de quase 200 quilômetros por hora devastaram cidades inteiras, matando milhares de habitantes.

No Brasil, sentimos pela primeira vez um pequeno mas atemorizante tremor de terra

Também o nosso quintal está sujeito a tremores

em diversas cidades, entre as quais as de nossa região. Foi quando verificamos que não só em países distantes, como a China e o Japão, essas manifestações da natureza podem acontecer. Descobrimos que também nosso quintal está sujeito a tremores, graças a Deus de baixa intensidade.

Nós, que vivemos em meio à Natureza e gostamos de pescar há muito tempo, temos notado visíveis mudanças nas marés, no comportamento dos cardumes e dos pássaros, nas alterações de ventos e outros fatores. As temperaturas mudam de uma hora para outra, independentemente das estações climáticas.

Todos notamos isso há alguns anos. Mas agora não é apenas o nosso conhecimento que vale. Diversos cientistas têm alertado para o chamado aquecimento global, as alterações climáticas provocadas pelas queimadas de florestas, o desvio de rios, o fim de lagos e a queda de geleiras em proporções jamais vistas.

Decididamente, é hora de se fazer alguma coisa.

Em recente palestra do pintor e ambientalista norte-americano Robert Wyland, no seminário *Vida Marinha: Desenvolvimento e Preservação dos Mares*, promovido por *A Tribuna*, ele disse para uma platéia atenta e interessada que os próximos 10 anos serão cruciais para a preservação dos mares e do Planeta. E fez um alerta, citando especialistas: a reversão desse mal que se aproxima está nas mãos das pessoas de nossa geração. Nós é que temos que impedir ações que levem a novas catástrofes, principalmente com relação ao aquecimento global.

Ele faz a sua parte, pintando murais pelo mundo, como os que pintou no Aquário de Santos, e com palestras de incentivo às crianças e aos jovens para que cuidem melhor do meio ambiente. Wyland acredita que as crianças são o principal agente transformador para boas ações.

Temos, portanto, que organizar atividades individuais ou coletivas para ajudar a preservar o meio em que vivemos. Cabe a cada um de nós essa tarefa de conscientização ecológica. A natureza nos avisa que é preciso evitar, com urgência, os danos que causamos. Não há tempo a perder.